

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 12– maio, 2015

COM O PÉ ATRÁS

Ierecê Barbosa¹

O que leva o ser humano a ficar com o pé atrás mediante determinadas situações ou decisões que precisam ser tomadas? A resposta é complexa, perde-se em vários desdobramentos, dependendo das variantes biológicas, sociais, psicológicas e espirituais de cada um.

Às vezes, o pé atrás vem colado em algum mecanismo de defesa e não percebemos. Entretanto, podemos elencar alguns exemplos típicos:

Com medo da traição algumas pessoas procuram avidamente no parceiro cada falha, cada lapso, para depois falarem: “eu sabia! Aliás, sempre soube que você não era digno de confiança”;

Por receio de uma possível separação algumas pessoas estabelecem relações agressivas, até o dia em que aquilo que era temido se concretiza, legitimando a capacidade delas em “intuir e adivinhar” o futuro;

Muita gente percorre sempre o mesmo caminho, apostando no novo, mas sem deixar o passado de lado, atribuindo a ele certo poder, capaz de gerar um final bastante conhecido;

A indiferença emotiva é outro mecanismo bem usual. Afinal, ninguém perde o que não tem. Neste caso, as pessoas evitam novos envolvimento;

Não menos preocupante é a necessidade de cuidar de outras pessoas. O pensamento funciona assim: em vez de procurar sofrer no futuro, é bem melhor ajudar aos que sofrem.

A autonomia precoce é um mecanismo que consiste no aprendizado da autoconfiança cedo demais. As pessoas não dependem muito de outras e camuflam o desamparo com a fortaleza dos vencedores.

Haja danação da nossa psique! Não é mesmo?

Após esses exemplos básicos eu acrescentaria mais um que considero grave, ou seja, aquele pé atrás que repousa em nossas crenças, principalmente naquela atrelada ao fim da vida, conforme os anos passam. Minha mãe, ao completar 70 anos, colocou um fim simbólico em sua existência. Lembro que fizemos uma grande festa para celebrar a data, considerada, naquela época, um marco de longevidade. Ela não curtiu nada. Aliás, ficou aborrecida. Dias depois, perguntei sobre o motivo daquele comportamento. Ela me olhou firme e falou: *“você pensam que eu não sei que a festa foi uma despedida, que eu já estou no fim, você pensam que sou boba?”* Na época não entendi, anos mais tarde compreendi que ela tinha feito a leitura do social, pois algumas colegas já haviam falecido, as irmãs e as vizinhas, também. Portanto, festejar o quê? Para quê? Dói dizer para você, leitor, que minha mãe faleceu aos 94 anos, ou seja, passou 24 anos de sua existência na antessala da morte. Quantos projetos poderiam ter sido

¹ Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: ierecebarbosa@yahoo.com.br

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 12– maio, 2015

desenvolvidos, quanta vida desperdiçada devido ao simbólico, mediado pela cultura e alimentado por todos nós, pois o consenso social é o somatório do meu, do seu e dos demais consensos.

Hoje sei que há perdas necessárias, que nos deixam mais fortes, mas sei também que há aquelas tão desnecessárias que até as lembranças doem duplamente, pela perda e pela incapacidade em lidar com elas em determinados momentos e contextos, pois só podemos ajudar se soubermos identificar o problema. Caso contrário, passamos batido, pois não conseguimos enxergar o que está bem na nossa frente. O não saber é cego, só o conhecimento é capaz de curar tal enfermidade.

As crenças são carregadas de limites: o que “pode” e o que “não pode” vêm nas extremidades. No meio campo estão localizados o “não fica bem” e o “todo mundo vai falar”. Em se tratando da terceira idade várias crenças limitam o bem viver. Os limites são impostos pela cultura, mas a pessoa incorpora como sendo seus, como se ela não fosse fruto daquele ambiente que a condicionou socialmente.

Vejo muitas pessoas baterem o pé defendendo seus conceitos não só como se fossem os únicos, mas também os verdadeiros. Não se dão conta que são vítimas das crenças incorporadas durante o seu processo de desenvolvimento. Tanto a ontogênese quanto a sociogênese são coloridas pelos pincéis e tintas culturais. Romper com determinadas crenças, cuja pintura é retocada constantemente, é deveras difícil, mas não impossível.

Quando nascemos somos inseridos em um espaço cultural e a tendência é acreditarmos que tais padrões de conduta são os corretos. Às vezes, até são adequados por um determinado tempo, mas a vida é dinâmica, as coisas mudam, portanto a verdade de ontem nem sempre é a de hoje. Ficar preso a ela é perder o *Boeing* da evolução em todos os sentidos. É interessante observar a evolução moral na criança, passando pela anomia (ausência de regras), heteronomia (cumprimento de regras impostas pelos adultos) e pela autonomia (período em que os questionamentos das regras e o pensamentos reflexivos se fazem presentes), segundo o legado teórico piagetiano.

Olhando o social de hoje podemos dizer, sem receio de cometer imprecisões, que muitas pessoas ainda estão com o pé atrás não só no que se refere ao avanço da ciência e tecnologia, mas também a evolução moral. É como se o tempo tivesse parado para elas, ficaram fossilizadas em sua zona de conforto e obsecadas em seus valores e crenças. Por quê? São tantos os fatores determinantes, que seria leviano elencar respostas, mas posso dizer que talvez falte a concepção de que o aprimoramento intelectual e moral não são armas externas para subjugar o mundo, mas ferramentas necessárias para equilibrar e integrar as forças psíquicas que existem em nós.